

## A FORMAÇÃO POLÍTICA DE PROFESSORES NO CENÁRIO AMAZÔNICO

### POLITICAL TEACHER EDUCATION IN THE AMAZONIAN SCENARIO

### LA FORMACIÓN POLÍTICA DE DOCENTES EN EL ESCENARIO AMAZÓNICO

Raimundo Sérgio de Farias Júnior<sup>1</sup>

Danielle Mabel Ramalho Costa<sup>2</sup>

Lienne Moraes e Moraes<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo analisa a formação política de professores no contexto amazônico a partir das premissas ontológicas e epistemológicas do Materialismo Histórico-Dialético. Parte-se da crítica à neutralidade científica em sociedades estruturadas por antagonismos de classe, situando a formação nas contradições do capitalismo contemporâneo, marcado pela racionalidade neoliberal, precarização do trabalho, crise socioambiental e recrudescimento de forças conservadoras. A pesquisa desenvolveu-se através da pesquisa-ação com discentes concluintes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), articulando estudo bibliográfico e intervenção formativa estruturada em três momentos dialéticos: sensibilização, conscientização e práxis. Os dados foram coletados mediante questionário fechado, analisados com base na análise de conteúdo. Os resultados evidenciam um deslocamento qualitativo na compreensão sociopolítica dos participantes, expressando a passagem do desinteresse inicial pela política para uma leitura crítica das formas estruturais de opressão, como racismo, machismo, exploração ambiental e dominação capitalista. Conclui-se que a formação política, quando orientada por práticas pedagógicas críticas, pode constituir-se como mediação relevante no processo de emancipação docente.

**Palavras-chave:** Educação. Formação política. Formação de professores. Amazônia. Materialismo Histórico-Dialético.

**ABSTRACT:** This article analyzes the political training of teachers within the Amazonian context, based on the ontological and epistemological premises of Historical-Dialectical Materialism. It begins with a critique of scientific neutrality in societies structured by class antagonisms, situating teacher training within the contradictions of contemporary capitalism—marked by neoliberal rationality, labor precarity, the socio-environmental crisis, and the resurgence of conservative forces. The study was conducted through action research with graduating students of the Pedagogy program at the State University of Pará (UEPA), articulating a bibliographic study and a formative intervention structured into three dialectical moments: awareness-raising, consciousness-building, and praxis. Data were collected via closed-ended questionnaires and examined using content analysis. The results demonstrate a qualitative shift in the participants' socio-political understanding, reflecting a transition from an initial disinterest in politics to a critical interpretation of structural forms of oppression, such as racism, sexism, environmental exploitation, and capitalist domination. The study concludes that political training, when guided by critical pedagogical practices, can serve as a relevant mediation in the process of teacher emancipation.

**Keywords:** Education. Political education. Teacher formation. Amazon. Historical-Dialectical Materialism. Emancipatory Praxis.

<sup>1</sup> Doutor em Educação. Universidade do Estado do Pará. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Educação (PPGCR/PPGED). Universidade do Estado do Pará.

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação. Universidade do Estado do Pará.

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Religião. Universidade do Estado do Pará.

**.RESUMEN:** Este artículo analiza la formación política de profesores en el contexto amazónico a partir de las premisas ontológicas y epistemológicas del Materialismo Histórico-Dialéctico. Se parte de la crítica a la neutralidad científica en sociedades estructuradas por antagonismos de clase, situando la formación en las contradicciones del capitalismo contemporáneo, marcado por la racionalidad neoliberal, la precarización del trabajo, la crisis socioambiental y el recrudecimiento de fuerzas conservadoras. La investigación se desarrolló a través de la investigación-acción con estudiantes que finalizaban la Licenciatura en Pedagogía de la Universidad del Estado de Pará (UEPA), articulando el estudio bibliográfico y una intervención formativa estructurada en tres momentos dialécticos: sensibilización, concientización y praxis. Los datos fueron recolectados mediante un cuestionario cerrado y analizados con base en el análisis de contenido. Los resultados evidencian un desplazamiento cualitativo en la comprensión sociopolítica de los participantes, expresando el paso del desinterés inicial por la política hacia una lectura crítica de las formas estructurales de opresión, como el racismo, el machismo, la explotación ambiental y la dominación capitalista. Se concluye que la formación política, cuando está orientada por prácticas pedagógicas críticas, puede constituirse como una mediación relevante en el proceso de emancipación docente.

**Palabras clave:** Educación. Formación política. Formación de profesores. Amazonia. Materialismo Histórico-Dialéctico.

## INTRODUÇÃO

Na produção do conhecimento, especificamente o científico, cabe espaço para neutralidade? Trata-se de uma antiga celeuma no campo das Ciências Sociais e que ainda não foi superada, especialmente se considerarmos o cenário de concepções reacionárias e posições fundamentalistas que defendem, por exemplo, uma escola sem partido. Tal como o sociólogo Fernandes (1980) afirma, “Não compartilho da ideia-refúgio de que a ‘neutralidade científica’ e a ‘condição profissional’ isentam o sociólogo da responsabilidade intelectual e política”. Assumimos, portanto, a perspectiva dialética que não admite a possibilidade de neutralidade.

Nesse sentido, há os que advogam a produção científica isenta de qualquer interferência subjetiva, ideológica ou de juízo de valores. Podemos dizer que Auguste Comte (por meio de sua física social) e Max Weber (que considerava a neutralidade axiológica) se destacam entre os defensores de uma Ciência imparcial.

Émile Durkheim, um dos mais conhecidos seguidores de Comte, também defendia a neutralidade científica, aliás ele destacava que era o único caminho possível para alcançar a verdade na produção da ciência. Na obra “As regras do método sociológico”, Durkheim (2007) não deixa dúvidas ao defender uma ciência que investigue os fatos sociais de forma objetiva e neutra. Weber (2006), por sua vez, aprofunda a celeuma. E, ainda que ele reconheça a dificuldade para uma neutralidade absoluta, segundo esse pensador, o cientista deveria aprender a distanciar seus valores pessoais da realidade social na qual se insere o seu objeto de investigação, objetivando alcançar a neutralidade axiológica.

Podemos entender, considerando o contexto histórico que circunda esse escarcéu paradigmático, que, em decorrência do surgimento das Ciências Humanas, e em particular da Sociologia (por volta do século XIX), essa questão atravessou mais de dois séculos e as discussões epistemológicas ainda persistem. É importante destacar que as Ciências exatas e naturais se encontravam em um estágio teórico e epistemológico bastante desenvolvido, tendo em vista o contexto europeu da primeira metade do século XIX. E as Ciências humanas, procurando a validação científica, buscaram orientar suas investigações sociais a partir dos fundamentos epistêmicos das Ciências já constituídas e consolidadas.

Marx (2004), que já havia investido a dialética idealista de Hegel, supera a concepção do fazer científico até então hegemônico no campo das Ciências humanas, que encontrava seus causídicos em Comte e Durkheim. O materialismo histórico-dialético de Marx, ao investigar o contraditório movimento e desenvolvimento da sociedade capitalista, identifica um insolúvel conflito entre suas classes fundamentais: burguesia e proletariado. O antagonismo estabelecido entre as classes fundamentais do capitalismo inviabilizaria qualquer possibilidade de uma Ciência imparcial.

Assim, a opção de classe do pesquisador é incompatível com a produção de uma Ciência neutra, pois a dialética de Marx (2004) é um método e perspectiva epistemológica comprometida com os explorados e engajada na luta pela superação das contradições sociais engendradas pelo capitalismo. Considerando a perspectiva teórico-metodológica inaugurada por Marx – mas sem negligenciar as limitações inerentes a qualquer investigação a partir dos fundamentos dessa abordagem e nem tampouco ignorando a crise do movimento comunista internacional – a investigação que resultou na escrita desse artigo se orienta pelas premissas do Materialismo Histórico-Dialético.

Tendo em vista a exposição da temática concernente a essa investigação, o objetivo desse artigo foi o de aprofundar, aprimorar a formação política dos discentes de licenciatura em pedagogia da Universidade do Estado do Pará (UEPA) por meio de uma pesquisa-ação. A seguir, explicitaremos as questões de natureza teórico-metodológica e posteriormente os resultados provenientes da pesquisa empírica.

## **2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO POLÍTICA DE PROFESSORES**

Marx e Engels (2011; 2007), desde os escritos da juventude, ao proporem uma dialética materialista, no que tange à produção científica, em contrariedade ao método positivista,

postulavam que a neutralidade é um lugar que não existe em uma sociedade de classes e que coloca em oposição radical opressores e oprimidos, exploradores e explorados. Mas cabe lembrar uma advertência de Marx (2013) de que: "Não há estrada real para a ciência e só têm possibilidade de chegar aos seus cumes luminosos aqueles que não temem fatigar-se a escalar as suas veredas escarpadas". Assim, não há atalhos ou facilidades para aqueles que escolhem a Ciência como práxis política. Ao fugir de explicações superficiais, o cientista deve se dedicar com rigor para obter profundidade explicativa do objeto pesquisado.

Ao criticar os idealistas hegelianos, Marx (2007) afirma que "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo". Ao cientista, que assume o compromisso com a transformação radical da sociedade, cabe produzir conhecimento para uma práxis revolucionária. Podemos dizer que Marx e os marxistas inauguraram, nas palavras de Konder (2009), uma batalha de ideias no campo das Ciências humanas. E um dos grandes eventos históricos que foram fortemente influenciados pela dialética marxista foi a Revolução Russa. No entanto, o colapso dessa revolução e a derrocada dos regimes socialistas fez emergir uma grande crise no movimento comunista internacional.

E ainda que muitas críticas a Marx e aos marxistas (de um modo geral) tenham sido elaboradas – algumas com fundamentação robusta e outras não – podemos dizer que seu método de análise da sociedade e de produção científica (o materialismo histórico-dialético) não fez submergir seu potencial crítico-explicativo da realidade, em especial as questões sociais inerentes ao modo de produção capitalista. Nesse bojo, reafirmamos a atualidade e necessidade do marxismo enquanto instrumento de análise e transformação da sociedade, mas que precisa considerar questões teóricas que vêm emergindo e continuarão a emergir no atual estágio em que se encontra o desenvolvimento do modo de produção capitalista e as contradições internas e específicas de seu movimento histórico.

Assim, o marxismo deve considerar em suas críticas e análises o machismo, o patriarcado, o racismo estrutural, a concepção binária de gênero, o etarismo, o capacitismo, o preconceito, a discriminação e outras formas de sociabilidade humana (indígenas, quilombolas e demais povos das florestas). Anderson (2019), ao analisar questões mal compreendidas no pensamento de Marx (e não no marxismo de um modo geral), nos apresenta um teórico que ao longo da construção de sua maturidade intelectual superou posições eurocêntricas, colonialistas e suplantou antigas posições deterministas.

Assim, pensar a teoria marxista hoje (BORON; AMADEO; GONZÉLEZ, 2007) pressupõe um grande esforço intelectual para enfrentar os problemas que emergiram hodiernamente no regime de acumulação, bem como apresentar perspectivas e possibilidades de transformações revolucionárias do modo de produção capitalista. E essa deve ser a atribuição de uma Ciência politicamente engajada.

É nessa conjuntura que pensamos a formação política dos professores, em especial no cenário amazônico e a partir das premissas do materialismo histórico-dialético e da natureza crítica subjacente a esse campo epistemológico. Desse modo, livre de qualquer ingenuidade, entendemos a formação dos professores, em particular aquela que tem o Estado como mantenedor, sob a égide dos interesses dos grupos sociais mais poderosos economicamente, o que nos leva a concordar com a reflexão de Freire (1981) a respeito dessa questão: “Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de maneira crítica”.

Tendo em vista a construção de uma reflexão e práxis dialética, é necessário pensar a formação de professores num contexto de domínio do capital e sua crise estrutural, o que ensejou o aumento da exploração de trabalhadores e trabalhadoras em níveis absurdos, insuportáveis e em perfeita sintonia com a racionalidade neoliberal e o predatório sistema financeiro. Aflora ainda um novo formato de racionalidade de produção industrial, a indústria 4.0, que impulsiona a automação, a robotização e eleva a redução do trabalho vivo e amplia o trabalho morto, ao passo que a inteligência artificial acentua o quadro exasperado de desemprego estrutural (ANTUNES, 2020; 2018)

Sem esquecer o crescimento exorbitante de microtrabalhos mal remunerados e sem a proteção da legislação trabalhista. A uberização é o exemplo mais emblemático (embora não o único) e no qual temos a dimensão do exponencial crescimento da exploração, espoliação e expropriação de trabalhadores e trabalhadoras (ANTUNES, 2020; 2018). Segundo Antunes (2009) o século XXI nos apresenta uma nova era da precarização estrutural do trabalho, que se relaciona, segundo Antunes; Braga (2009), com o crescente processo de degradação real do trabalho virtual que eleva a um patamar degradante a exploração de trabalhadores e trabalhadoras nos países que conduzem a economia pela racionalidade neoliberal.

O aprofundamento das contradições sociais ocorre em concomitância com a hegemonia da racionalidade neoliberal. Assim, para além das perspectivas negacionistas, essa doutrina

econômica pode ser apontada como uma das grandes responsáveis pelo agravamento do colapso ambiental que atualmente vivenciamos.

Presentemente, irrompe uma gravíssima crise socioambiental que já piora o quadro de intermináveis guerras, a continuidade de genocídios e da necropolítica, em convergência com o avanço do projeto político da extrema-direita e tendo como aliados a burguesia financeira, os endinheirados do agronegócio, com o beneplácito de determinadas igrejas de posições fundamentalistas. Forja-se um cenário em que se naturalizam o disparo de discursos (e práticas) de ódio, preconceito, discriminação e violência (simbólica e física), cujo alvo preferido são quase sempre grupos sociais que historicamente enfrentaram o racismo, o machismo, a LGBTQIAPN+fobia<sup>4</sup>, povos indígenas, dos rios e das florestas.

Percebemos também uma fulminante escalda do projeto político neoliberal, que implica na destruição dos direitos trabalhistas, ciceroneados por um conjunto de reformas nas legislações trabalhistas, previdenciária e administrativas ocorridas em diversos países da economia mundial capitalista. Para Dowbor (2017), estamos na era do capital improdutivo, isto é, um tipo de capitalismo em que a riqueza foi capturada pela financeirização, que se tornou um dos maiores inimigos da distribuição de renda e grande promotora de diversas formas de desigualdades e acentuação da degradação ambiental.

6

Considerando esse quadro, cumpre problematizarmos a relação entre a formação política e os desafios impostos à luta de classes, o que nos impele a atualizar os instrumentos de análise (crítica) da sociedade, em conexão dialética com a condição concreta de existência do conjunto de explorados e oprimidos na presente realidade sociopolítica. Trata-se de um imperativo ético elevar a preocupação política com os diferentes segmentos oprimidos: mulheres, negros e negras, indígenas, quilombolas, pessoas não binárias, pessoas idosas, pessoas com deficiências e outras formas de sociabilidade, sem desconsiderar as contradições sociais intrínsecas ao modo de produção capitalista e que afetam todos e todas.

Uma outra forma de sociabilidade só pode ser esperada mediante uma educação para além do Capital (2008) e que aponte alternativas para a superação de todas as suas contradições e, especialmente, seu *ethos* que estimula comportamentos individualistas e consumistas

---

<sup>4</sup> Segundo o Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade (2024), “alguns grupos invisibilizados têm criado termos particulares para designar as tolerâncias específicas que sofrem”, entretanto, o termo LGBTQIAPN+fobia atualmente é uma forma mais inclusiva, pois inclui violências, “como a transfobia, lesbofobia, homofobia, além do bullying escolar, a violência sexual, o estupro corretivo de lésbicas ou homens trans e transmaculinos” (NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE, 2024.)

exacerbados. Nesse ínterim, reproduz-se o desejo insano pela obtenção obstinada do lucro (a qualquer custo) e o estímulo doentio da competição – nem que isso implique na autodestruição da humanidade –, que contrasta com a disseminação de um interminável fosso que separa alguns bilionários de uma quantidade cada vez maior de pessoas que não conseguem efetivar uma refeição saudável por dia.

Resta-nos uma ação sociopolítica – que se recusa ao imobilismo e a qualquer possibilidade de neutralidade – que anuncie possibilidades de transformação. E a educação formal, ainda que administrada pelos alçozes da emancipação humana, pode servir, dialeticamente, de instrumento, sem que se negligenciem suas limitações institucionais. Nessa linha reflexiva, destacamos a importância de pensarmos a formação política dos professores e que favoreça a autoemancipação dos oprimidos. Assim, trata-se de pensar uma educação que promova a conscientização crítica (política e epistemológica) de explorados e oprimidos.

Desse modo, alimentamos a esperança pela verve que deposita perspectivas emancipatórias na formação política dos professores, mas enfatizando a importância de uma ciência crítica e socialmente comprometida. Assim sendo, endossamos a preocupação de Freire (2014) ao refletir que a esperança é uma necessidade histórica e ontológica e ela deve estar presente na luta diária de professores e alunos tendo em vista a libertação de ambos e da própria sociedade.

7

Eis a justificativa de reivindicarmos uma educação enquanto prática científica que vá além da razão instrumental e se comprometa politicamente com a libertação. Não se nutre, aqui, a ilusão das limitações que a educação e a formação de professores possuem. Mas as contradições perpassam todos os campos sociais e, dialeticamente, nos apontam caminhos que podem indicar perspectivas de construções alternativas para além do capital.

A formação política de professores pode ser um caminho. Nessa direção, concordamos com Freire (1985) quando diz que “A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir” (Educação e Mudança). Ainda que reconheçamos que os professores vêm atravessando um intenso processo de precarização das condições de trabalho – por sinal, os dados do Censo Escolar (INEP, 2024) revelam que o número de professores contratados temporariamente (331.971 docentes) nas redes estaduais superou o de docentes efetivos/concursados (331.440 docentes) – é possível apostar na formação política como instrumento que provoca possibilidades de pensamentos insurgentes e insubmissos, especialmente, porque:

Vivemos um momento histórico de retomada do conservadorismo moral e político no Brasil e de avanço e pensamentos ideológicos de direita e extrema-direita. Através de um pretenso desejo por democracia e narrativas de clamor à nação, ao vem comum e aos valores tradicionais, esses pensamentos se alastram nas diversas arenas políticas (FERREIRA, 2016. p. 166).

Considerando essas premissas, assumimos a perspectiva crítica de que a formação de professores pode ensejar perspectivas emancipatórias, especialmente quando instrumentaliza docentes que conjuguem a tensão dialética agir/refletir intrínseca a uma práxis sociopolítica comprometida com a luta pela emancipação de todos e todas. Dessa maneira, a formação crítica permite desvencilhar-se do “ethos da sociedade capitalista em suas manifestações de ser, pensar, agir, viver sob a batuta de determinadas crenças que ajudam na reprodução do metabolismo social desigual” (FARIAS JÚNIOR, 2016).

### 3. MÉTODOS

A investigação iniciou-se mediante estudo bibliográfico que teve como recorte duas categorias: a) formação de professores; b) formação política de professores. A partir desse recorte, foi selecionado um acervo bibliográfico pertinente ao tema/objeto de investigação visando a leitura e sistematização analítica e temática do material reunido. O procedimento epistemológico adotado, fundado no materialismo histórico-dialético, considerou o movimento, a contradição e a totalidade intrínseca ao objeto pesquisado, tendo em vista a primazia da qualidade sobre a quantidade no que tange à reflexão e à produção da análise qualitativa dos dados coletados.

A pesquisa empírica foi realizada com discentes de licenciatura Plena em Pedagogia da UEPA, particularmente alunos concluintes de 2024 do Campus Universitário de Moju (PA). Utilizamos dois instrumentos de coleta de dados. Primeiramente, empregamos um questionário fechado, cujo propósito era levantar informações objetivas dos acadêmicos.<sup>5</sup>

Em seguida, elaboramos uma pesquisa-ação que as seguintes fases: a) exploratória; b) planejamento; c) execução; d) análise e síntese. Na fase exploratória, por meio do questionário fechado, identificamos o foco da pesquisa. Esse instrumento também possibilitou fazermos um levantamento inicial para compreender o contexto em que a pesquisa seria realizada: alunos do

---

<sup>5</sup> De acordo com o Art. 1º da Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, que estabelece as normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com participantes, a presente proposta se enquadra nas hipóteses de dispensa de registro no sistema CEP/CONEP. O estudo alinha-se especificamente aos incisos I, V e VI, por configurar-se como uma pesquisa de opinião pública com participantes não identificados, utilizar bancos de dados cujas informações são agregadas sem possibilidade de identificação individual e, simultaneamente, caracterizar-se como atividade com intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento, voltada a alunos de graduação, curso técnico ou profissionais em especialização, sem a finalidade estrita de produção de pesquisa científica inédita (BRASIL, 2016).

último ano do curso de licenciatura plena em pedagogia (UEPA), além de gerar os dados iniciais sobre a temática da investigação.

De posse das informações obtidas pelo questionário, iniciamos o planejamento de nossas atividades, que gerou um plano de ação. Nesse plano, organizamos intervenções formativas de acordo com temáticas políticas propostas pelos acadêmicos, bem como com pautas apresentadas pelos pesquisadores-formadores. Em seguida, procedemos a execução da pesquisa-ação que se deu mediante 4 encontros formativos a partir das pautas que emergiriam da temática formação política dos professores. Por fim, chegamos à fase de análise e síntese dos dados coletados, que se deu mediante uma autoavaliação solicitada a cada participante. A sistematização e análise dos dados seguiram as sendas metodológicas da análise de conteúdo.

### 3.1 AS FASES DE PESQUISA-AÇÃO: O PREÂMBULO

Visando à obtenção de informações objetivas, inicialmente aplicamos um questionário fechado junto aos selecionados para a pesquisa empírica. A utilização desse instrumento se deu na fase exploratória da pesquisa-ação e teve êxito em proporcionar uma aproximação epistemológica com a temática investigada. Participaram dessa consulta 24 acadêmicos que forneceram informações fundamentais para o aprofundamento do tema/objeto de investigação.

9

Primeiramente, observamos que metade dos entrevistados lê uma quantidade significativa de livros por ano (considerando estarem vinculados a curso de nível superior): mais de três. Também informaram um variado gosto musical: MPB, brega, sertanejo, funk, pagode e nenhum ter o rock como primeira opção. 70% (arredondados) disseram se interessar pouco ou nem um pouco por política. O mesmo percentual informou ser de esquerda, 25% neutros e 10% (arredondados) de direita. Percebemos uma divergência em relação à posição política dos pais, pois metade dos participantes informou que os seus pais são de direita e a outra metade de esquerda. 75% não titubeou em informar que jamais iria para uma reunião de partido político (de esquerda ou de direita), o que reforça o desinteresse por assuntos políticos.

O conjunto dessas informações foi fundamental para o planejamento das futuras ações formativas da pesquisa-ação, que efetivamente começaria com a sensibilização, abordada a seguir. Para fins de análise de dados, adotamos como recorte amostral, efetivar a análise de conteúdo apenas com aqueles e aquelas que estiveram presentes em todos os momentos formativos, o que resultou no quantitativo de 9 discentes.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1. O PRIMEIRO MOMENTO: A SENSIBILIZAÇÃO

Destacamos, preliminarmente, a importância de fomentarmos um processo de sensibilização dos envolvidos. Sensibilizar alguém de algo, potencializa a possibilidade da reflexão crítica sobre os processos políticos em que ocorrem determinadas etapas de sociabilidades dos sujeitos e sujeitas partícipes do estudo empírico. A partir da informação de que a maioria não se interessava por política, consideramos primeiramente, sensibilizar sobre a importância dela em nossa sociedade. Assim, partimos do pressuposto de que a política expressa parte das contradições sociais inerentes à sociedade capitalista e cuja reprodução tem como lastro a manutenção de um conjunto de opressões e explorações.

Partimos da pressuposição de que a sensibilização cria as bases de um desenvolvimento formativo que colabora para a conscientização política dos indivíduos. Desse modo, recorremos a duas poesias com o escopo de estabelecer uma conexão emocional e de confiança entre as pessoas envolvidas na atividade formativa: a) “O analfabeto político” (Bertold Brecht) e b) “O Operário em Construção” (Vinícius de Moraes).

Inicialmente, foi feita a leitura e, posteriormente, a escuta de ambas as obras literárias. Depois, coletivamente, refletimos e dialogamos sobre as questões abordadas nas referidas poesias por meio de uma roda de conversa. Procuramos realizar uma imersão profunda tendo em vista sensibilizar cada um dos participantes sobre as temáticas tratadas nas respectivas poesias. A sistematização dessa escuta está exposta no Quadro 01.

#### Quadro 01: impressões sobre as poesias “O analfabeto político” (01) e “O Operário em Construção” (02)

ENTREVISTADO	Impressões sobre a poesia 01	Impressões sobre a poesia 02
Entrevistado 01	A política está realmente em tudo. Não há como negar e nossa omissão só piora nossa condição de vida	A construção da nossa subjetividade é consequência de nossas ações concretas.
Entrevistado 02	Não há neutralidade. Somos animais políticos. Temos que nos posicionar	Uma hora podemos acordar e dizer não para nossos opressores e mudar o sistema que nos oprime
Entrevistado 03	Quando o povo se interessa por política as coisas começam a mudar.	A consciência que temos da realidade é adquirida no confronto com ela. E assim podemos mudar a realidade
Entrevistado 04	Temos que nos alfabetizar politicamente. É uma tarefa pedagógica do professor.	O trabalhador precisa despertar sua consciência. E um trabalhador consciente pode meter medo nos de cima.
Entrevistado 05	Um dos nossos maiores problemas é esse: o analfabetismo político. E isso vira uma	Os ricos fazem de tudo pra nos oprimir. Mas uma hora a gente desperta como o operário da poesia.

	arma nas mãos dos que mandam na sociedade.	
Entrevistado 06	O povo não acorda porque ainda é analfabeto, não participação, não se envolve com os problemas do país e fica indiferente a tudo.	Os poderosos só nos dominam porque a maior de nós ainda não a consciência que esse operário da poesia.
Entrevistado 07	Superar o analfabetismo é a chance que nós temos pra termos consciência de classe.	O trabalhador constrói sua consciência sentindo na pele a opressão
Entrevistado 08	Só participando das decisões políticas podemos combater o analfabetismo político	Precisamos despertar nossa consciência de classe pra nos libertar.
Entrevistado 09	Só existe o político vigarista porque tem o analfabeto político. Quando o povo acaba com o analfabeto político esse congresso inimigo do povo não ganha mais nenhuma eleição.	Fomos educados pra dizer sim. Quando aprendemos a dizer não a coisa muda.

Fonte: pesquisa empírica, 2024.

Registramos que nenhum dos participantes conhecia as duas poesias. No entanto, ao longo da escuta e leitura das duas obras, todos e todas registraram espontaneamente suas impressões. Percebemos, inicialmente, um impacto positivo. Nossa intervenção se deu por meio da mediação após a leitura e escuta de cada estrofe dos respectivos poemas. Nosso interesse era realmente sensibilizá-los sobre as temáticas abordadas em cada poesia, que seriam a crítica à alienação e à falta de envolvimento das pessoas em assuntos políticos (poesia 01) e a construção da consciência operária e a crítica à alienação no trabalho (poesia 02).

11

Percebemos, então, que a atividade cumpriu o objetivo que era trabalhar a sensibilização dos participantes referente à formação política. O conjunto de respostas evidencia que houve uma melhora na preocupação com a temática política, considerando que as informações obtidas com o questionário fechado indicavam que 70% dos respondentes indicavam pouco ou nenhum interesse pelo assunto. Esse processo de sensibilização cumpriu o seu propósito da forma esperada, pois partimos do pressuposto de que a inquietação com as questões políticas deve ser uma das preocupações indispensáveis do nosso processo de sociabilidade, uma vez que atingem de todas as formas a vida das pessoas e não podem ser negligenciadas, especialmente por quem enfrenta todos os dias as contradições, desigualdades e injustiças sociais.

Esse avanço na compreensão serviu de base para iniciarmos o segundo momento do processo formativo, a da conscientização. E aqui lembramos que, para Marx (2004), a conscientização política não se resume à obtenção de conhecimentos teóricos, mas qualitativamente uma condição social do sujeito oprimido que, além de reconhecer sua condição, se organiza coletivamente com outros oprimidos visando à libertação social.

#### 4.2. O segundo momento: a conscientização

Marx; Engels (2005), ao criticarem a dialética idealista hegeliana (que descia do céu à terra e a ele retornava), invertem a tradição da filosofia alemã (herança do sistema filosófico de Hegel) ao exporem que:

[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou se representam, e não dos homens narrados, pensados, imaginados, representados, para daí se chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos, e com base no seu processo real de vida apresenta-se também o desenvolvimento de seus reflexos (MARX; ENGELS, 2005, p. 31).

O perigo de partir daquilo que os indivíduos representam de si (desvinculada da existência concreta) é a representação falsa da realidade. Segundo Marx (2005) e Marx; Engels (2005), a representação falsa dificulta a percepção da realidade concreta e acaba estorvando o salto qualitativo da classe em si (posição objetiva na produção) em direção à classe para si (quando o sujeito ou sujeita desenvolvem uma consciência de si mesma como grupo com interesses opostos aos da classe dominante).

Em sintonia com Marx, Freire (2013) define o *télos* de sua pedagogia libertadora: a práxis. No entanto, essa práxis seria consequência da formação de uma consciência crítica nas dimensões política e epistemológica. Para ambos, a consciência crítica, diferentemente de uma consciência ingênua, permite aos sujeitos e sujeitas transformarem a realidade.

Lastreado nesses pressupostos, conduzimos a pesquisa-ação na fase de transcendência da conscientização junto aos sujeitos. Entendemos, pois, que as pessoas não são tabula rasa – emprestando a expressão do empirista John Locke – mas trazem consigo inúmeras experiências formativas que devem ser reconhecidas num processo educativo.

Nessa fase da pesquisa-ação organizamos, a priori, algumas temáticas que foram trabalhadas mediante a utilização de músicas do cancionário popular, organizadas conforme o quadro 02:

**Quadro 02: Temáticas para diálogo**

Temática	Canção
Racismo	A carne (composição de Jorge Mario Da Silva / Pedro Aznar; Marcelo Fontes Do N. V. De Santana; Ulisses Cappelletti Tassano)
Machismo	Triste, Louca ou Má Canção de Francisco (Composição de Andrei Martinez Kozyreff; Juliana Strassacapa; Mateo Piracés-Ugarte; Rafael Gomes)
Crise socioambiental	Sal da terra (compositores Alberto de Castro Guedes; Ronaldo Bastos Ribeiro)
Sistema capitalista	Até quando esperar (Carlos Augusto Woortmann; Andre Philippe De Seabra; Andre Pinheiro Machado Mueller).

Fonte: pesquisa empírica, 2024.

Desse modo, realizamos dois encontros com o propósito de dialogar, primeiramente, as seguintes questões: a) racismo; b) machismo; c) crise socioambiental e d) o sistema capitalista. Visando proporcionar uma imersão nas letras das músicas, realizamos uma leitura coletiva e intercalada por pausas e diálogos sobre cada verso das canções, onde podíamos registrar a impressão de cada um sobre a experiência da qual estavam participando. As impressões estão sistematizadas no Quadro 03:

**Quadro 03: Impressões sobre o diálogo sobre as músicas**

ENTREVISTADO	Impressões sobre as canções
Entrevistado 01	As vezes o conteúdo é difícil. Então canções e poesias ajudam numa percepção melhor. E o mais importante é relacionar isso tudo com o nosso contexto
Entrevistado 02	A arte também serve pra nos ajuda a entender nossa vida, ainda mais quando ela retrata algo que tá próximo de nossa realidade.
Entrevistado 03	É preciso escutar e pensar com atenção e profundidade o que a letra da música quer passar. Agora entendo melhor a mensagem e isso me ajudou a entender melhor os temas que elas abordam.
Entrevistado 04	A maioria das músicas não conhecia. Aliás não escuto muito esse tipo de música. Mas esse diálogo e as reflexões mudaram minha visão. Elas têm um grande potencial pra fazer a gente repensar profundamente.
Entrevistado 05	Não é o tipo de música que paro pra ouvir. Então nunca prestei atenção nas letras. Mas os debates me fizeram perceber o grande potencial delas. Agora irei escuto com cuidado e isso vai me ajudar a pensar melhor essas questões.
Entrevistado 06	Essas músicas me ajudaram muito a repensar muitas questões. Racismo, opressão, machismo, a crise ambiental. Essa formação a gente não tem na universidade. As músicas contextualizadas mudaram muito minha percepção desses assuntos.
Entrevistado 07	Nós não temos no currículo momentos como esses. Então, tivemos a possibilidade, ao dialogar sobre as temáticas das músicas, de analisar mais profundamente todo esse conteúdo não escolar, mas que são importantes pra nossa formação política e pra nossa vida.
Entrevistado 08	Infelizmente escutamos essas músicas, mas nunca paramos pra analisar, estudar, refletir sobre esses assuntos. É como isso me ajudou a ter uma melhor leitura de mundo.
Entrevistado 09	Saio renovado desse encontro. Não são músicas que escutaria em meu tempo livre. Mas analisando suas letras e confrontando com nossa realidade me ajudou a entender melhor tudo isso.

Fonte: pesquisa empírica, 2024.

A partir da abordagem dialógica, alinhada à pedagogia de Freire (2013), foi possível identificar uma interpretação mais profunda de determinadas opressões que afetam a todos e todas oprimidos e oprimidas. Percebemos, assim, o aprimoramento da consciência de distintas opressões mediante a imersão crítica na realidade, o que favorece um “[...] aprofundamento da tomada de consciência” (FREIRE, 2013). Não basta estar vinculado a realidade, é preciso imergir nela.

A leitura cuidadosa do material coletado permitiu-nos inferir que a decisão pedagógica de iniciar a pesquisa-ação objetivando, primeiramente, a sensibilização foi acertada, uma vez que percebemos que ela ensejou o envolvimento emocional com a temática de investigação desse artigo e engendrou as bases necessárias para a percepção crítica da realidade concreta. Aqui é

importante lembrar Kosik (2002) e sua análise sobre a pseudoconcreticidade (a realidade social aparente), que geralmente oculta a captura pela subjetividade da essência das coisas. Por isso, é importante, segundo o próprio Kosik, baseado em Marx, o uso frequente da filosofia e da Ciência visando a superação da pseudoconcreticidade.

Assim, o processo de conscientização, mediante o sobrepujamento da práxis fetichizada (inerente ao senso comum) e o advento de uma filosofia da práxis (condição para a superação da classe em si), e a construção de uma consciência de classe (MARX, 2017), que supera o imediatismo e o senso comum. Desse modo, por meio da abordagem dialógica utilizada nessa etapa da pesquisa-ação, conseguimos verificar a construção de um olhar mais refinado e apurado no que tange às temáticas socializadas durante os encontros formativos. A mediação não tinha como escopo mudar a concepção de mundo dos envolvidos, mas apenas em problematizar a percepção imediatista intrínseca à nossa condição humana. E, em grande medida isso foi alcançado.

No entanto, sabemos que a conscientização é um processo em espiral e que permite aos indivíduos aprimorar gradativamente a compreensão da realidade. A conscientização, portanto, remete à negação da negação prevista nas dialéticas de Hegel (idealismo) e, sobretudo, na de Marx (materialismo), e permitem aos sujeitos e sujeitas uma apreensão mais profunda da realidade, alicerce de uma práxis revolucionária. Mas essa questão será melhor abordada na próxima seção.

#### **4.3. O terceiro momento: a práxis**

Inicialmente, esclarecemos que há diferenças no que tange ao emprego do termo práxis em Marx e em Freire. Não obstante, há uma profunda convergência entre ambos. Claramente, Freire utiliza o conceito fundamentado em Marx, uma vez que a principal similitude entre eles está no entendimento de que práxis, resumidamente, remete ao entendimento da união dialética entre teoria e prática (ação-reflexão-ação) visando a transformação da realidade.

De um modo geral, entendemos, em conformidade com Marx e Engels (2007), que não basta apenas interpretar o mundo. É necessário transformá-lo. Já em Freire (2013), a práxis é fundamental numa pedagogia libertadora, pois ela predispõe um “[...] esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham” (FREIRE, 2013). Nessa direção, consubstanciada pelas etapas anteriores, organizamos os partícipes da investigação subjacente a esse artigo ao momento da práxis. Desse modo, inspirados pela poesia-práxis (movimento que defendia uma estética poética que

rejeitava o formalismo acadêmico, mas com crítica social), orientamos os participantes (que foram organizados em três grupos: A, B e C) a elaborarem pelo menos uma estrofe de uma poesia que pudesse expressar/avaliar os encontros formativos. A seguir, a produção/síntese por eles desenvolvida:

A luta é diária nessa vida  
E o povo precisa de ter na mesa o pão  
Então temos que vencer a fadiga  
E alimentar nossa conscientização (Grupo A)

A meta deles é nossa destruição  
Mas com fé e muita união  
Podemos aumentar nossa conscientização  
E a cada dia conquistar nossa libertação  
Até varremos o capitalismo e a opressão (Grupo B)

A luta pela libertação  
E o fim da opressão  
Não é fácil meu irmão  
Mas sigamos unidos  
Até o dia que o capitalismo será derrotado pela revolução (Grupo C)

Nessa linha, acreditamos que a conscientização sociopolítica não começa na escola e nem mesmo na universidade. O processo de construção de consciência é produto do conjunto de interações sociais que os indivíduos estabelecem desde que passam a existir socialmente. Assim, a leitura de mundo precede a da palavra, diria Freire (2011). A leitura da palavra, por sua vez, potencializaria a compreensão de mundo e também a consciência crítica sobre ele (FREIRE, 2011).

Nesse sentido, entendemos que a ontologia do ser social é indispensável para entender o desenvolvimento da consciência de classe. Partindo dessa perspectiva, consideramos que a classe social oprimida e explorada reúne as condições históricas que lhe possibilitam ter a compreensão da totalidade (na acepção da dialética marxista) e, assim, entender o sistema capitalista, suas contradições e possibilidades de superação.

Prosseguindo com a análise das estrofes escritas pelos participantes da pesquisa-ação, foi possível verificar que é importante perceber que estamos confinados num sistema de opressão. E a modificação desse atual *ethos* da condição humana tem que ser superada com a transformação radical do modo de produção capitalista. Destacamos a presença constante dos termos opressão, conscientização e libertação presentes em todas as estrofes redigidas. Nos primeiros diálogos formativos, essas expressões quase não foram proferidas. Ao longo do

processo, elas foram ganhando mais sentido e significado ao ponto de estarem expressas nas estrofes produzidas coletivamente.

Assim sendo, a análise do conjunto do material coletado nos permite inferir que ocorreu uma melhora expressiva da visão de mundo dos participantes da pesquisa empírica. Se, inicialmente, boa parte dos envolvidos informou que não tinha muito interesse por política, percebemos que após o conjunto de atividades formativas houve um salto qualitativo significativo nessa percepção.

Inferimos, também, que a produção da poesia-práxis elaborada coletivamente pelos participantes da pesquisa empírica nos forneceu pistas para perceber que ocorreu a elevação da compreensão social e, como síntese, exprimiu a superação da pseudoconcreticidade (o mundo das aparências em que os fenômenos sociais, fetichizados e manipulados, parecem naturais e objetivos) e o alcance do concreto pensado (KOSIK, 2002).

Induzimos, ainda, que verificamos uma predisposição maior em serem protagonistas nos espaços sociais nos quais ocorrem seus processos de sociabilidade, conforme identificamos nos seguintes fragmentos: “Sem ação não tem mudança” (Entrevistado 03); “Quem pode mudar a história somos nós em todos os espaços que participamos” (Entrevistado 04); “Devemos agora irmos pra realidade e, na prática, ser a mudança que o mundo precisa” (Entrevistado 08).

Para Marx e Engels (2005), os explorados devem ser os protagonistas da transformação social. Na mesma medida, para Freire (2013), os oprimidos precisam assumir o protagonismo na luta pela libertação. De um modo geral, quando os dominados se libertam da consciência ingênua e aprimoram sua consciência crítica, tornam-se sujeitos e sujeitas de uma práxis social utópica, esperançosa e transformadora. Por isso, também inferimos que, em tempos de uma subsunção real ao capital cada vez mais profunda e labiríntica, ainda acreditamos em possibilidades emancipatórias. Nesse cenário, potencializar a formação política de professores ainda é um caminho necessário para a construção de nossas utopias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há espaço para a neutralidade, seja no campo científico ou na vida social, pelo menos sob a perspectiva crítico-dialética que essa pesquisa se propõe. Essa condição perpetua a limitação de uma mudança da estrutura educacional, que sofre as consequências das premissas corretivas do capital. Tal lógica precisa ser rompida, caso contrário, seguiremos reproduzindo opressões e contradições, por essa razão, é preciso superá-las, para que a educação possa se

constituir como um instrumento de transformação social (ainda que não suficiente sozinho), rompendo com as subordinações capitalistas.

A análise desenvolvida ao longo deste estudo reafirma que a formação política de professores não pode ser compreendida como dimensão secundária ou complementar da formação docente. Sob as premissas do Materialismo Histórico-Dialético, a formação constitui-se como mediação histórica situada nas contradições estruturais do modo de produção capitalista, sendo atravessada pelas determinações da luta de classes, pela hegemonia neoliberal e pelas múltiplas formas de opressão que configuram o capitalismo contemporâneo.

A formação política configura-se, portanto, como um processo que deve estar inerente à formação docente, dada a necessidade de compreender a formação de professores num contexto de domínio, no qual sua natureza social está engendrada em uma conjuntura de poder. É necessário pensar a educação para além das nuances hegemônicas estruturais, contemplando sua totalidade, para que assim os trabalhadores e trabalhadoras constatem, por si mesmos, a exploração que os circunda. A pesquisa-ação realizada com discentes concluintes do curso de Pedagogia evidenciou que o desinteresse político inicialmente declarado não corresponde a uma condição ontológica de apatia, mas à expressão de um processo histórico de alienação e fragmentação da consciência social. A intervenção formativa, ao articular arte, diálogo crítico e problematização da realidade concreta, possibilitou um deslocamento qualitativo na percepção dos participantes, indicando a superação parcial da pseudoconcreticidade e o avanço em direção ao “concreto pensado”.

17

Observou-se que a emergência recorrente de categorias como opressão, conscientização e libertação nas produções finais dos discentes não constitui mera reprodução discursiva, mas sinaliza a internalização de uma leitura crítica da realidade social. Tal movimento expressa, ainda que em estágio inicial, a transição da consciência imediata para uma consciência mais reflexiva e socialmente situada, condição indispensável para a práxis transformadora.

No contexto amazônico, essa discussão adquire contornos ainda mais complexos. A Amazônia, historicamente marcada pela colonialidade do poder, pela espoliação ambiental e pela intensificação de conflitos territoriais, apresenta-se como território onde as contradições do capital assumem formas particularmente agudas. Nesse cenário, a formação política de professores torna-se estratégica não apenas para a crítica das estruturas de dominação, mas para a construção de alternativas pedagógicas comprometidas com a justiça socioambiental e com a emancipação dos povos historicamente subalternizados.

Importa destacar que não se atribui à educação um papel messiânico. A formação política docente não dissolve, por si só, as determinações estruturais do capital. Contudo, ao promover a articulação dialética entre teoria e prática, ação e reflexão, ela pode contribuir para a constituição de sujeitos históricos capazes de intervir criticamente na realidade. A universidade pública, mesmo atravessada por limites institucionais e contradições internas, permanece como espaço potencial de disputa hegemônica.

A formação política pode ser o caminho para a autoemancipação dos oprimidos. Se ela não é a salvação, tampouco sem ela se pode ensejar perspectivas de comprometimento com a luta para a emancipação. Através da pesquisa-ação, fica perceptível que não se deve negligenciar os pressupostos políticos e que a sensibilização realizada como primeiro ato da pesquisa empírica contribuiu significativamente para a conscientização e práxis. A imersão crítica na realidade só é possível após um primeiro contato com a própria realidade e suas contradições, permitindo que os sujeitos se reconheçam como parte dela e se mobilizem para, assim, transformá-la.

Assim, reafirma-se a atualidade do marxismo enquanto método crítico de interpretação e transformação da realidade, em que a formação política de professores se configura como dimensão ética, epistemológica e ontológica da prática educativa. Trata-se de sustentar, no interior das instituições formadoras, uma pedagogia que ultrapasse a racionalidade instrumental e contribua para a construção de uma consciência crítica coletiva.

Em síntese, a formação política docente, concebida como processo contínuo e dialético, revela-se um caminho necessário, ainda que não suficiente, para a construção de horizontes emancipatórios. Nesse sentido, a conscientização sociopolítica deve contemplar todas as partes de uma sociedade, é necessário assumir o protagonismo na luta pela libertação, romper com a reprodução e fomentar a transformação e compreensão crítica, primeiro, de sua própria realidade.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Kevin B. **Marx nas margens: nacionalismo, etnias e sociedades não ocidentais**. Tradução de Allan M. Hillani e Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2019.
- ANTUNES, Ricardo & BRAGA, Ruy (orgs). **Infoproletrários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado se serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BORON, Atilio A.; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (Orgs.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário oficial da união, Brasília.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo** São Paulo: Outras Palavras & Autonomia Literária, 2017.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico** 3. ed. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

FARIAS JÚNIOR, R. S. de. **A expansão do ensino superior e a formação de professores: a presença da semiformação**. revista sul-americana de filosofia e educação (resafe), (24), 232-253, 2016.

FERNANDES, Florestan. **A natureza sociológica da Sociologia**. São Paulo: Ática, 1980

FERREIRA, Guilherme. **Conservadorismo, fortalecimento da extrema-direita e a agenda da diversidade sexual e de gênero no Brasil contemporâneo**. Lutas Sociais, v. 20, n. 36, p. 166-178, 2016.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KONDER, Leandro. **O marxismo na batalha das ideias**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Crítica à Filosofia do Direito de Hegel**. São Saulo: Boitempo, 2005.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia: resposta à Filosofia da miséria do Sr. Proudhon**. Tradução de José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2017

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital.** Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl., & Engels, Friedrich. **A ideologia Alemã.** São Paulo: Centauro, 2005.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família, ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes.** Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista.** Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital.** Trad. Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

**Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade - NUGS. #Basta\_Nugs contra LGBTQIA+fobia [recurso eletrônico] / Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade - NUGS. - SÃO PAULO: [s.n.], 2024.**

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais.** São Paulo: Ática, 2006.